

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ACTAS

III Colóquio Internacional de História da Madeira

SEPARATA

SECRETARIA REGIONAL DO TURISMO E CULTURA

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

1993

ALGUNS ASPECTOS DO COMÉRCIO DA MADEIRA COM A AMÉRICA DO NORTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII*

Jorge Martins Ribeiro

Situado no Atlântico, a meio caminho entre a Europa e o continente americano, desde cedo, o arquipélago da Madeira manteve relações privilegiadas com as colónias inglesas da América. De facto, devido à natureza dos ventos e das correntes, a rota mais fácil para os veleiros que navegavam entre os dois continentes, tanto no Inverno como no Verão, passava perto dos Açores e da Madeira¹. Por outro lado, as trocas entre a ilha e a América do Norte ocupam um lugar de relevo no comércio de Portugal com esta região nos séculos XVII e XVIII, continuando importantes mesmo após a independência dos Estados Unidos.

Uma vez o ciclo do açúcar terminado, o vinho é quase exclusivamente o único artigo exportado pela Madeira. Os primeiros vinhos enviados para a América eram de qualidade inferior e nada tinham a ver com o produto elaborado que conhecemos hoje em dia. Aliás, segundo Bentley Duncan, os vinhos melhores eram destinados ao mercado português e brasileiro enquanto os inferiores iam para as colónias inglesas e para os Barbados. Aliás, o primeiro tipo de vinhos era menos importante comercialmente que o segundo, pois era exportado em muito menor quantidade². Por sua vez, o arquipélago madeirense recebia do continente americano diversos bens essenciais à sua subsistência. Assim, a maior parte das importações eram constituídas por produtos alimentares, sobretudo cereais, com particular incidência para trigo e milho, bem como farinha e bacalhau. Este último provinha essencialmente da Terra

* A investigação, de que este trabalho é fruto parcial, foi possível graças às bolsas concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Comissão Cultural Luso-Americana (Programa Fulbright) que nos permitiram a estada, durante o ano lectivo de 1990/91, como *Visiting Fellow*, na Universidade de Johns Hopkins. A estas instituições apresentamos aqui o nosso agradecimento.

¹ BEECHERT, Edward - *The wine trade of the thirteen colonies*, Califórnia, 1947, dissertação de mestrado, policopiada, p. 30-31.

² DUNCAN, T. Bentley - *Atlantic Islands. Madeira, the Azores and the Cape Verdes in the seventeenth-century commerce and navigation*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1972, p. 37-39 e 43.

Nova, embora algum fosse importado também da Nova Inglaterra¹. Da América do Norte recebia-se, ainda, tabaco e madeira, tanto já cortada em tábuas como sob a forma de aduelas para pipas. A importação destas tornara-se importante para a actividade económica da ilha, uma vez que era indispensável ao fabrico do vasilhame necessário à armazenagem e transporte do vinho². Através da documentação analisada e da bibliografia consultada, verificámos ainda que outros produtos, além dos já enumerados, provinham das colónias inglesas. Importava-se arroz, cera, tecidos de algodão, manteiga, carne e batatas, bem como outros artigos de Boston, Nova Iorque e da Carolina do Sul, que aqui não enumeramos³.

Para Edward Beechert existem provas da existência de trocas comerciais da Madeira com Boston desde 1640. E, pelos finais do século XVII, o comércio das colónias inglesas com o arquipélago era florescente. Durante o século XVIII este escambo através do Atlântico vai mesmo intensificar-se fazendo a fortuna dos negociantes madeirenses e estrangeiros instalados no Funchal.

O cônsul do Reino Unido na Madeira escrevia, em 1768, que os habitantes das colónias estavam autorizados a importar bens directamente da Grã-Bretanha e da Irlanda e, deste modo, os seus navios, na viagem para a América, paravam na ilha onde trocavam por vinho produtos vários: tecidos de lã, trigo, farinha, linho, arenques, produtos da Irlanda e aduelas. Segundo o mesmo diplomata, quando os colonos descobriram que os artigos de produção norte-americana eram indispensáveis ao arquipélago, interessaram-se pelo comércio com a Madeira, conseguindo, assim, abastecer-se de vinho de forma vantajosa. De facto, o Acto de 1663 autorizava a importação dos vinhos da Madeira e dos Açores em qualquer colónia britânica desde que fossem transportados por navios do Reino Unido. Desta forma, a popularidade do vinho da Madeira na América do Norte parece derivar das facilidades consignadas na lei inglesa, no que diz respeito à importação deste produto, ao lucrativo tráfego entre as duas regiões, e a juntar à localização geográfica do arquipélago. Assim, para Edward Beechert a grande difusão deste produto deve-se mais a razões económicas do que à preferência demonstrada pelos colonos por este tipo de vinho. Tal é também a opinião expressa por Adam Smith na sua famosa obra "Inquérito sobre a natureza e as causas da Riqueza das Nações". Este, porém, vai mais longe, quando afirma terem sido os funcionários ingleses enviados para a América do Norte, por altura da Guerra dos Sete Anos, quem introduziu o gosto pelo vinho da Madeira na Grã-Bretanha, onde até então, não era muito conhecido⁴.

¹ McCUSKER, John J.; MENARD, Russell R. - *The economy of British America 1607-1789*, Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1985, p. 100. Historical Society of Pennsylvania, *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Lamar, Hill, Bisset & C^o. para Henry Hill em Filadélfia, 9 de Fevereiro de 1789.

De futuro, designarei a Historical Society of Pennsylvania pela abreviatura H.S.P.

² SOUSA, João José Abreu de - *O movimento do porto do Funchal e a conjuntura da Madeira de 1727 a 1810. Alguns aspectos*, Funchal, Secretaria Regional de Turismo, Cultura e Emigração, 1989, p. 145-148. McCUSKER, John J.; MENARD, Russell R., *ob. cit.*, p. 100.

³ H. S. P., *Sarah Smith Papers*. Correspondência de Lamar, Hill, Bisset & C^o. 1756-1806. BEECHERT, Edward, *ob. cit.*, p. 35-36. McCUSKER, John J.; MENARD, Russell R., *ob. cit.*, p. 101 e 204.

⁴ BEECHERT, Edward, *ob. cit.*, p. 34; 44 e 63. SMITH, Adam - *Inquérito sobre a natureza e as causas da Riqueza das Nações*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, p. 6-7. Adam Smith afirma que esta autorização se deveu ao facto do vinho da Madeira não ser considerado como mercadoria europeia. O editor da tradução portuguesa desta obra refere, ainda, na nota 20 da

Thomas Jefferson, signatário da Declaração de Independência dos Estados Unidos, afirmava, em 1817, que as preferências dos seus concidadãos pelos vinhos portugueses e espanhóis tinham sido artificialmente criadas pelas limitações impostas pelo governo britânico. E, durante a Revolução Americana, ao romperem-se todos os laços com as autoridades coloniais, foram rejeitadas todas as bebidas alcoólicas predilectas dos ingleses. Jefferson teria, nesta altura, optado pelos vinhos da Itália e da França¹. Não nos parece, porém, que este estadista, tivesse alguma vez deixado de consumir Madeira, ao qual se havia habituado desde a juventude. Bentley Duncan, por sua vez, é de opinião que a popularidade deste vinho tanto na América Central como entre os colonos do norte do continente derivava das suas características específicas, pois, contrariamente a outros, era resistente tanto a altas como a baixas temperaturas, e não perdia qualidades com a longa travessia do Atlântico². Estamos em crer, contudo, que o êxito do Madeira na América se deveu à conjugação de todos os factores que acabámos de enumerar. E, se desde cedo os ingleses se interessaram pelo envio de vinho da Madeira para as ilhas britânicas, nos finais do século XVIII, devido às guerras em que o Reino Unido esteve envolvido, com os principais portos do continente fechados ao seu comércio, a exportação de vinho da Madeira para este país aumentou muito. Nesta altura aparecem também as primeiras estufas na ilha para tratamento do vinho, que adquiria assim qualidades semelhantes às daqueles que tinham atravessado os trópicos a bordo dos navios mercantes³.

O vinho da Madeira bem como em geral as bebidas alcoólicas, gozavam de grande popularidade na América do Norte, devido à dificuldade em obter qualquer outro tipo de bebidas próprias para consumo. A água potável, fresca, cristalina e de sabor agradável era difícil de se conseguir, tanto no campo como nas cidades, estando até muita gente convencida de que era imprópria para o uso humano. O leite, esse, nem sempre era fácil de se obter e muitas vezes o seu preço estava longe de ser acessível. Porém, mesmo quando abundante e barato, muitos recusavam-se a bebê-lo devido às doenças que se sabia poder transmitir. Por sua vez, o chá muito popular na Nova Inglaterra, não o era no resto do país. Já porque era elevado o seu custo, já porque alguns o consideravam como um luxo estrangeiro, para além de ser tido nas zonas de fronteira como uma bebida própria de doentes ou incapazes de realizar um pesado trabalho físico. O café, mais caro que o chá, só se vulgarizou na década de 1830, quando deixou de pagar direitos alfandegários. A maioria da população optava, então, pelas bebidas fermentadas; e o de maior popularidade, por ser mais barato, era o *whiskey*, enquanto o vinho gozava da preferência das pessoas abastadas. Aliás, muitos membros das classes superiores eram favoráveis a este produto, chegando a pensar que esta bebida estava isenta de álcool. Assim, foi grande a surpresa quando se conseguiu medir a graduação do contido no vinho, apresentando-se o Madeira, de resto, o mais consumido na América, com mais de 20%. Por isso, após 1820 foi alvo

página 7 que "os autores da Acta não estavam muito certos de que a Madeira não fosse europeia", pelo que os vinhos da Madeira e dos Açores foram objecto de uma cláusula especial.

¹ LAWRENCE, R. de Treville (ed.) - *Jefferson and wine. Model of moderation*, 2ª. ed., The Plains, Virginia, The Vinifera Wine Growers Association, 1989, p. 13; 102; 132-139.

² DUNCAN, T. Bentley, *ob. cit.*, p. 38; FERRAZ, Maria de Lourdes de Freitas - *O vinho da Madeira no século XVIII - Produção e mercados internacionais*, in <<Colóquio Internacional de História da Madeira. 1986>>, vol. 2, Funchal, Governo Regional da Madeira, 1990, p. 943.

³ VIEIRA, Alberto - *Breviário da vinha e do vinho da Madeira*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações, 1990, p. 49, 69.

de ataques por parte das organizações que nos Estados Unidos se opunham ao consumo de bebidas alcoólicas¹.

Contudo, o vinho da Madeira era favorito de muitos dos cabecilhas da rebelião americana. Na correspondência da casa *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, por nós analisada, encontramos referência a um pagamento feito por George Washington a esta firma, em 1785, e, embora não saibamos a que negócio diz respeito, podemos concluir que se trataria de uma venda de vinho, pois numa carta posterior, datada de 20 de Setembro de 1794 mencionava-se o envio de uma pipa para o Presidente dos Estados Unidos². Aliás, Bentley Duncan faz também referência à preferência de Washington pelo vinho da Madeira³. Durante as campanhas da Guerra da Independência, este general tinha sempre algum consigo, para uso próprio, chegando mesmo a prescrevê-lo ao Marquês de Chastellux, como remédio para a febre⁴. Também Thomas Jefferson, um dos fundadores da nova República era, como vimos, desde a juventude, grande apreciador dos vinhos da Madeira e do Porto. E, em 1785, no decurso das negociações de um Tratado de Paz e Comércio entre Portugal e os Estados Unidos, acordo esse nunca ratificado pelo governo de Lisboa, os negociadores americanos, Jefferson e John Adams, preocuparam-se em assegurar o fornecimento ao recém-independente país de vinhos portugueses; tais como Madeira, Porto e vinhos de Lisboa. Além do mais, no século XVIII, o vinho era usado no lugar dos ainda não existentes anti-sépticos, antibióticos e anestésicos. Thomas Jefferson, por seu lado, como muitos outros membros da aristocracia americana, acreditava nos poderes medicinais deste produto e achava que, tal como a comida, era necessário ao bem-estar do homem⁵. Assim, vemos Richard Lamar Bisset, da firma *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, enviar, como presente, a um certo Mr. Tyson, uma pequena pipa de vinho tinto, para ele usar como remédio. Parece que alguns dos camponeses madeirenses, que sofriam da mesma enfermidade de Mr. Tyson tinham encontrado alívio dos seus males, após terem bebido Madeira, razão talvez para Richard Lamar Bisset se ter oferecido para o receber na ilha, a fim de se curar⁶.

Todas estas considerações permitem-nos aquilatar da importância do vinho na sociedade norte-americana, dos séculos XVIII e XIX, da razão de ser do lucrativo comércio entre o arquipélago madeirense e a América e dos motivos que levaram tantos mercadores estrangeiros a instalarem-se no Funchal.

Note-se que a grande maioria dos comerciantes estrangeiros eram ingleses e ocupavam um lugar de relevo na economia da ilha. Para Bentley Duncan, aliás de acordo com o que vimos atrás, a classe mercantil estabelecida no Funchal vai lucrar com a prosperidade das colónias inglesas da América, grandes clientes do vinho da Madeira. Temos, ainda, notícia do estabelecimento na capital madeirense, no século XVII, de um mercador oriundo da Nova Inglaterra, Freegrace Bendall, de confissão

¹ RORABAUGH, W. J. - *The alcoholic republic*, New York, Oxford University Press, 1981, p. 100-104.

² H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por *Lamar, Hill, Bisset & C^o* para Henry Hill em Filadélfia, 11 de Setembro de 1786 e carta enviada de Flushing por George Keith para Richard Lamar Bisset, 20 de Setembro de 1794.

³ DUNCAN, Bentley T, *ob. cit.*, p. 250-251.

⁴ LAWRENCE, R. de Treville (ed.), *ob. cit.*, p. 176.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 285-290; 285-290.

⁶ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 11 de Setembro de 1786.

calvinista¹. O número de estabelecimentos comerciais, como se sabe, foi crescendo ao longo do século XVIII, o que obviamente não agradava aos comerciantes à longo tempo fixados. Assim, em 1766, o já mencionado Richard Lamar Bisset, a propósito da formação da sociedade *Patten Waraker & Patten*, comenta que as casas de comércio aumentavam diariamente na Madeira, com pouca vantagem para as recém-estabelecidas e com reconhecido prejuízo para as já existentes².

Refira-se, ainda, que à semelhança dos seus compatriotas residentes em Lisboa e Porto, os britânicos da Madeira pertenciam a várias confissões religiosas. Assim, encontrámos católicos, anglicanos, presbiterianos e independentistas; e, tal como os seus pares estabelecidos em Portugal continental, os não-católicos foram alvo de discriminações e até de perseguições. Os interesses económicos, contudo, acabaram por se sobrepor aos religiosos e os comerciantes estrangeiros foram autorizados a viver segundo a religião que professavam³. Não deixa de ser interessante fazermos aqui um paralelo entre as comunidades britânicas das cidades do Funchal e do Porto. Ambas se dedicavam ao comércio de vinhos generosos, que tornaram conhecidos e famosos além fronteiras. O vinho do Porto, porém, ao contrário do da Madeira, era principalmente enviado para a Grã-Bretanha. De notar que a exportação em larga escala destes dois produtos começa quase ao mesmo tempo; isto é, na segunda metade do século XVII. Refira-se, a propósito, que anteriormente a 1651 não há notícia de remessas significativas de vinho do Douro para a Europa do Norte. Na primeira metade do século XVII, era expedido, sobretudo, para Lisboa, Setúbal, para as colónias e Galiza. O Prof. Ribeiro da Silva levanta a hipótese de algum do vinho embarcado para a capital, ser daí enviado para o estrangeiro sob a designação de vinho de Lisboa⁴. E, se até 1650 os mercados mais importantes para o vinho da Madeira são o Brasil e alguns países europeus, a partir de 1660 os principais clientes deste artigo são as Índias Ocidentais e as colónias inglesas da América do Norte. A Inglaterra só passa a importar quantidades significativas a partir da segunda metade do século XVIII⁵.

Os cidadãos do Reino Unido estabelecidos no Funchal, no Porto e em Lisboa gozavam de privilégios concedidos pelos reis de Portugal e dos decorrentes dos tratados assinados com a Grã-Bretanha. Em todos estes portos existiam feitorias inglesas, dispendo os britânicos aí residentes de um juiz conservador escolhido por eles, lugar que, pelo menos na cidade do Porto, era muito procurado pelos juizes

¹ DUNCAN, Bentley, *ob. cit.*, p. 46, 55, 59-60.

² H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 14 de Abril de 1766.

³ DUNCAN, T. Bentley, *ob. cit.*, p. 59-61. RIBEIRO, Jorge Martins - *L'Anglicanisme au Portugal du XVIIe au XIXe siècle*. Comunicação apresentada na mesa-redonda sobre "Minorités religieuses et de pensée à l'époque contemporaine", organizada pelo Centro de Estudos Norte de Portugal Aquitânia - Secção de Bordéus, em 25 e 26 de Novembro de 1991.

⁴ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, vol. 1, col. Documentos e Memórias para a História do Porto, 46, Porto, Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1988, p. 162-164 e *Porto et le Ribadouro au XVIIe siècle: une complémentarité imposée par la nature*, in <<L'identité régionale. L'idée de région dans l'Europe du Sud-Ouest>>, col. de la Maison des Pays Ibériques, 47, Paris, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1991, p. 352.

⁵ DUNCAN, T Bentley, *ob. cit.*, p. 45-46. VIEIRA, Alberto, *ob. cit.*, p. 61.

portugueses¹. A feitoria do Funchal possuía, ainda, um médico próprio e sabemos que o clínico falecido em 1769 era um certo Thomas Heberdeen, membro da Real Sociedade de Londres. Ao contrário do que se poderia supor, devia ser de confissão católica, pois, de acordo com a vontade expressa no seu testamento, foi enterrado segundo os costumes portugueses, na Igreja grande do Funchal, ante o altar de S. José, sendo o seu corpo acompanhado até ao local de inumação pelos juizes e pessoas gradas da cidade. Isto mostra como era bem conceituado na sociedade madeirense, o que, aliás, vem ao encontro do que dele diz Robert Bisset². Por outro lado, era costume o elemento mais novo da feitoria ocupar o lugar de tesoureiro. Richard Lamar Bisset deveria exercer por isso, essas funções durante o ano de 1786, pelo que aguardava convocação do cônsul para a última reunião de Dezembro de 1785. O representante da Inglaterra, porém, tinha feito saber que o dispensaria do desempenho desse cargo, nomeando um outro, caso isso lhe acarretasse qualquer inconveniente³.

Entre as casas comerciais a laborar no Funchal, no período que estudamos, encontramos a já referida *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, de que tivemos oportunidade de analisar a correspondência da segunda metade do século XVIII. Edward Beechert escreve que esta firma é, nesta altura, a maior da Madeira⁴. Podemos dizer, no entanto, que se trata de uma empresa familiar, uma vez que os sócios estão ligados entre si por laços de parentesco. Assim, o sócio mais velho é Thomas Lamar, sendo a esposa deste, Mary Lamar, irmã dos outros dois sócios, Henry Hill e Robert Bisset, os três, filhos de Richard Hill, também sócio da firma. De notar que os filhos de Robert Bisset, Richard Lamar Bisset e suas irmãs, foram educados em Inglaterra pela tia Mary Lamar⁵. Além destes, outros membros da família estavam também interessados nesta empresa comercial. Outra das características da firma era a de ter sócios residentes no Funchal, Londres e Filadélfia. De facto, Thomas Lamar residia em Londres, enquanto que Richard Hill e mais tarde o filho deste Henry habitavam em Filadélfia. Este último ocupou aí um lugar de relevo, uma vez que desempenhou as funções de conselheiro do Estado da Pensilvânia⁶. E, embora quase todos os sócios tivessem passado largas temporadas na Madeira quem esteve aí mais tempo, a cuidar das compras de vinhos e da venda dos produtos consignados foram, no período estudado, Robert Bisset e Richard Lamar Bisset. Diga-se, a propósito, que o primeiro viveu largos anos em Inglaterra, deixando a casa do Funchal ao cuidado do filho. Por outro lado, entre 1786 e 1789, encontrámos cartas enviadas de Londres e assinadas sob a firma *Lamar & Bisset* o que nos leva a concluir que os dois cunhados, Thomas Lamar e Robert Bisset, terão constituído uma sociedade na capital

¹ RIBEIRO, Jorge Martins - *La communauté britannique de Porto au début du XIXe siècle*, in <<L'identité régionale. L'idée de région dans l'Europe du Sud-Ouest>>, col. de la Maison des Pays Ibériques, 47, Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1991, p. 94.

² H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset em 2 de Junho de 1769.

³ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 25 de Dezembro de 1785.

⁴ BEECHERT, Edward, *ob. cit.*, p. 17.

⁵ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Henry Hill para Richard Hill na Virgínia, 16 de Março de 1757; carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 14 de Abril de 1766; carta enviada da Madeira por Lamar, Hill, Bisset & C^o. para Marien Lamar em Filadélfia, 23 de Junho de 1769; carta enviada da Madeira por Joseph Gilliss para Marien Lamar, 28 de Fevereiro de 1770; carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 15 de Maio de 1786.

⁶ *Ibidem*, carta enviada de Filadélfia por Robert Bisset para Henry Hill, 24 de Outubro de 1788.

britânica, distinta da da Madeira e sem o concurso do outro sócio, Henry Hill¹. Esta parecia, de resto, ser a maneira mais eficiente de gerir o negócio, pois o sócio residente na América tinha a seu cargo a venda dos produtos madeirenses e a compra dos bens que o arquipélago necessitava e lhes permitiam adquirir o vinho. Por outro lado, o elemento da firma estabelecido em Londres desempenhava uma função preponderante, uma vez que tinha sob a sua responsabilidade os assuntos financeiros da sociedade. De facto, os vinhos da Madeira eram geralmente pagos em letras sobre praças europeias² sendo a capital inglesa um lugar onde se obtinham encomendas importantes e se firmavam vantajosos contratos. Robert Bisset afirmava que Londres era o centro do comércio mundial e, como tal, todas as remessas de dinheiro deviam ser enviadas para esta cidade, a fim de serem entregues a um comerciante que actuasse como agente comissionado. Mas dado esse agente poder aplicar mal o dinheiro e causar a ruína da casa comercial, que tivesse confiado nele, defendia a necessidade de todas as firmas estrangeiras terem um sócio a residir na capital britânica. Robert Bisset justifica deste modo a sua estada na cidade, além de que era indispensável a sua presença em Inglaterra por razões familiares, sobretudo após a morte de Thomas Lamar³. E, quando em 1794 decide voltar para a Madeira, nomeia John e Alexander Anderson, agentes da casa em Londres, mostrando-se confiante nas suas capacidades, pois achava que devido aos seus conhecimentos e contactos iam ser muito úteis. Como remuneração receberiam uma comissão de 2,5% por cada transacção realizada⁴. O pacto social desta sociedade era periodicamente renovado, mantendo-se em funcionamento até inícios do século XIX. Os primeiros sinais da sua decomposição aparecem em 1792, com a morte de Thomas Lamar, ocorrida em Abril desse ano e consequente intenção da viúva em querer receber a parte correspondente à quota do marido. Isto, apesar dos laços familiares que a uniam aos outros sócios. Robert Bisset avalia, assim, em £ 6.611 7d 8s, a quantia que Mary Lamar tinha direito a receber⁵. Antes da morte de Thomas Lamar, porém, denotava-se já um certo mal-estar entre os sócios, além de que os negócios não pareciam estar a decorrer da melhor forma. Tudo isto leva a que Richard Lamar Bisset abandone a Madeira e parta para a Índia, como comerciante independente, uma vez que era a única alternativa que lhe restava face ao mau estado dos negócios. A sua estada na Índia, porém, foi de curta duração, realizando apenas uma viagem à Ásia⁶. Antes de partir, contudo, Richard Lamar Bisset quis deixar os negócios entregues a um gerente competente, uma vez que o pai não podia voltar à Madeira. Para esta posição recomenda James Denyer, protegido de Lord Hood e a quem fora prometido o lugar de cônsul da Grã-Bretanha no Funchal, caso o titular do cargo apresentasse a demissão. A contratação de James Denyer seria

¹ Ibidem, cartas enviadas de Londres por Lamar & Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 15 de Agosto de 1786; 26 de Junho de 1788; 10 de Março de 1789.

² GUIMERÁ RAVINA, Agustín - <<Las islas del vino>> (Madeira, Azores y Canarias) y la America inglesa durante el siglo XVIII: una aproximación a su estudio, in <<Colóquio Internacional de História da Madeira. 1986>>, vol. 2, Funchal, Governo Regional da Madeira, 1990, p. 901.

³ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada de Londres por Robert Bisset para Henry Hill, 7 de Novembro de 1792.

⁴ Ibidem, cartas enviadas de Londres por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 20 de Setembro de 1794, 2 de Agosto de 1791; carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 21 de Fevereiro de 1794.

⁵ Ibidem, carta enviada de Londres por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 7 de Novembro de 1792.

⁶ Ibidem, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Robert Bisset, 5 de Outubro de 1791; carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 6 de Outubro de 1791; carta enviada de Russapuglee, perto de Calcutá por Richard Lamar Bisset, 17 de Maio de 1793.

vantajosa, pois Richard Lamar Bisset estava certo que graças aos seus contactos a firma iria conseguir uma grande fatia nas encomendas de vinho da Marinha Britânica. Além do mais, James Denyer tinha estado em Filadélfia por ocasião do seu casamento, tendo nessa altura travado conhecimento com Henry Hill. Este último poderia, assim, com toda a propriedade ajuizar das capacidades de James Denyer¹. A liquidação da herança de Thomas Lamar não foi pacífica sendo necessário recorrer a peritagens e arbitragens de terceiros. Finalmente, Mary Lamar recebeu o que lhe era devido e em 1796 a firma passa a designar-se *Hill, Bisset & C^o*.² Após este problema resolvido, os sócios remanescentes tiveram ainda de se preocupar com a herança de Joseph Gilliss, parente com interesses na empresa. A morte de Henry Hill e os problemas subsequentes com os seus herdeiros vão levar à dissolução desta casa comercial, nos inícios do século XIX³.

A correspondência trocada entre os sócios da *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, embora trate, sobretudo, de assuntos de carácter comercial, revela-nos que estes negociantes se mostravam também preocupados com a situação internacional, o que não é de admirar dado o tipo de actividade em que estavam envolvidos. De qualquer modo, através dos inúmeros navios que tocavam o Funchal os comerciantes madeirenses e estrangeiros deviam estar bem informados do que sucedia em ambas as margens do Atlântico. Não deixa de ser interessante referir aqui, embora isto nada tenha de surpreendente, o facto dos responsáveis da firma se mostrarem interessados nas decisões do Parlamento de Londres que afectavam as colónias americanas. Assim, vemos por exemplo, Robert Bisset regozijar-se, em 1766, pela revogação do *Stamp Act* e pelo facto do governo inglês estar prestes a dar maiores facilidades ao comércio desenvolvido pelos colonos da América do Norte⁴.

As vindimas e a qualidade do vinho produzido, bem como o estado do mercado do Funchal são assuntos que preocupam os mercadores do arquipélago. E se, como diz o Prof. Alberto Vieira, "o comércio do vinho da Madeira estava sob o controlo da feitoria inglesa"⁵ eram, porém, os vereadores da Câmara do Funchal quem, em reunião efectuada todos os anos, a meio do mês de Outubro, já depois de realizada a vindima, estabelecia o quantitativo a pagar pelos negociantes aos produtores. Claro que era do interesse dos comerciantes, alguns dos quais também exerciam o cargo de vereadores, manter estes preços baixos, bem como conseguir que os oficiais da alfândega atribuissem valores reduzidos aos vinhos destinados à exportação, de maneira a não onerar demasiado as taxas impostas sobre os que eram enviados para o estrangeiro. Assim, em 1785, um diferendo opõe os comerciantes à Junta da Real Fazenda, uma vez que este organismo quer aumentar as taxas sobre os vinhos

¹ Ibidem, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Robert Bisset, 5 de Outubro de 1791.

² Ibidem, carta enviada de Londres por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 26 de Setembro de 1796; carta enviada de Londres por Richard Lamar Bisset para Mrs. Lamar em Londres, 21 de Maio de 1798.

³ Ibidem, cartas enviadas da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 10 de Julho de 1798; 5 de Setembro de 1798; carta enviada de Canterbury por Richard Lamar Bisset para George Dillwyn em Amersham, 3 de Fevereiro de 1801; carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Richard Hill Morris, 1 de Abril de 1802; carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para George Dillwyn em Amersham, 2 de Abril de 1802.

⁴ Ibidem, carta enviada de Londres por Thomas Lamar, 8 de Fevereiro de 1766; carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 14 de Abril de 1766; carta enviada de Londres por Thomas Lamar, 28 de Junho de 1770.

⁵ VIEIRA, Alberto, *ob. cit.*, p. 37.

exportados. Os negociantes madeirenses apresentaram na altura uma petição mostrando os inconvenientes da adopção de uma tal medida. Esta representação foi atendida. Os direitos manter-se-iam iguais aos do ano anterior, cerca de 5\$600, caso não se recebessem ordens em contrário de Lisboa. E Richard Lamar Bisset manifestava-se esperançado que os preços do vinho não aumentassem, pois isso seria muito perigoso¹. Em 1770 a feitoria foi obrigada a entrar num acordo relativamente à compra de vinhos, porque, apesar de ser um ano de abundância, os produtores tinham obtido preços excepcionalmente altos. Thomas Lamar esperava que tão invulgar decisão tivesse sido tomada, depois de bem ponderadas as suas consequências².

Através da correspondência estudada vemos que nos anos de 1756, 1771, 1773 e 1790 a colheita é má e que em 1756, 1775 e 1790 a qualidade do vinho é fraca. Por outro lado, em 1771, devido à escassez deste produto, Robert Bisset informa que os madeirenses podem cobrar o preço que quiserem e o mesmo acontece em 1774 e 1775. Em 1772 e 1788 a qualidade do vinho é boa e abundante, daí o preço ser mais acessível. Já em 1789 as expectativas de uma boa vindima e de preços baixos não se concretizam, pois as perspectivas optimistas caíram por terra com o começo da apanha das uvas. O vinho carecia de "corpo" e a sua quantidade era muito inferior aquilo que se esperava, devido às desfavoráveis condições climatéricas. Os ventos de leste tinham sido mais violentos que o normal³. Perante isto, a feitoria achara prudente baixar os preços em cerca de £ 3 por pipa, excepto a qualidade usualmente enviada para Nova Iorque, que sofreu uma diminuição de £ 4. Esta medida foi tomada, a fim de incentivar os americanos a comprar este tipo de vinho⁴.

A correspondência da *Lamar, Hill, Bisset & C^o*. veicula também informações correctas e rigorosas acerca do estado do mercado, dos preços correntes dos vários artigos, dando indicações preciosas acerca de quais os bens que deviam ser importados da América e vendidos no Funchal com lucro. Assim, por exemplo, em Dezembro de 1756, Henry Hill escreve que tinha vendido milho para Porto Santo depois do rei, D. José I, ter dado ordem ao Provedor do arquipélago para abastecer de cereais a ilha. As razões para esta ordem régia advinham do facto da população estar a passar fome. Regozijava-se também pelas vendas realizadas durante o ano terem sido maiores do que as efectuadas por qualquer outra casa do Funchal. Contudo, as perspectivas para o ano seguinte não se apresentavam tão animadoras, pois, conforme vimos, a colheita de vinho, em 1756, foi escassa e o produto de má qualidade⁵. Por outro lado, em 30 de Julho de 1757, depois de em Março Henry Hill ter dado conta da existência de muito cereal no mercado, Thomas Lamar informava que desde há um mês não havia trigo estrangeiro ou qualquer outra espécie de cereal à venda na Madeira bem como de qualquer outro tipo de provisões. E, acrescentava que tal situação não havia tido até aí consequências desastrosas para os pobres, dado os mais desfavorecidos poderem contar, nesta altura do ano, com bens alimentares de

¹ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 25 de Dezembro de 1785.

² *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 1 de Março de 1770; carta enviada de Londres por Thomas Lamar para Henry Hill em Filadélfia, 12 de Junho de 1770.

³ *Ibidem*, várias cartas.

⁴ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Lamar, Hill, Bisset & C^o para Henry Hill em Filadélfia, 23 de Fevereiro de 1790.

⁵ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Henry Hill para Richard Hill em Filadélfia, 11 de Dezembro de 1756.

produção local, como frutos e inhame. Temia, porém, pelo futuro, se não chegassem mantimentos dentro de um mês, uma vez que os detentores de propriedades e com excedentes de cereais não os queriam vender. Quanto à subsistência da sua própria família, Thomas Lamar não se mostrava inquieto, pois calculava que as provisões que possuía seriam suficientes para o seu consumo, até à chegada de mais alimentos¹. Em Janeiro de 1762, vemos Henry Hill preocupado com a falta de arroz para a próxima Quaresma, caso, entretanto, não chegasse nenhuma remessa. Informava, ainda, haver muito pouco bacalhau na ilha². Noutras ocasiões, como em 1774, a quantidade existente era tal que a importação deste artigo se tornava um mau negócio levando Robert Bisset a desinteressar-se de novas importações. Neste mesmo ano, o mercado do Funchal parece ter muitos produtos americanos para venda e trigo em abundância que ninguém queria comprar. Enquanto isso, havia grande procura de milho e havia falta de farinha³. De referir, aqui, a apreensão com que o abandono da praça de Mazagão, ocorrido em Março de 1769, foi recebido pela firma *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, e certamente por outras casas da Madeira⁴. Os temores de Robert Bisset eram devidos ao facto de estar agora a ser enviado para a ilha o trigo que os Açores costumavam encaminhar para a praça de Mazagão, provocando, deste modo, a descida do preço do cereal importado da América. E, declarava que o preço deste produto não aumentaria num futuro próximo, a não ser que diminuíssem as chegadas de cereais do continente americano⁵.

A guerra da independência dos Estados Unidos veio, como escreve João José Abreu de Sousa, "agravar as relações exteriores da ilha que assiste apesar de tudo à global expansão do seu comércio vinícola". Além do mais, como o bloqueio inglês fez diminuir a exportação de vinho para a América do Norte, procurou-se incrementar as relações comerciais com a Inglaterra⁶. Assim, em 1775, Robert Bisset queixa-se das dificuldades encontradas por Thomas Lamar em conseguir encomendas de vinho. A exportação deste produto era insignificante e conseqüentemente as remessas de dinheiro para Londres mínimas. Por outro lado, todos os navios provenientes da América tinham voltado em lastro. Robert Bisset declarava-se convencido que as vendas da casa nunca tinham sido tão fracas, como nesse ano, e manifestava a esperança de poder voltar a vender vinho aos seus clientes de Boston, Virginia e Maryland, quando a situação na América normalizasse⁷.

Depois da independência dos Estados Unidos e do seu reconhecimento pela Grã-Bretanha, as trocas entre a Madeira e o recém-independente país retomaram o seu curso. Contudo, a Revolução Francesa, o bloqueio continental e a invasão de Portugal metropolitano pelos exércitos napoleónicos vão também reflectir-se no arquipélago madeirense, criando dificuldades ao seu comércio. Não nos podemos ainda esquecer que a Madeira foi ocupada por forças inglesas nos inícios do século XIX.

¹ Ibidem, carta enviada da Madeira por Thomas Lamar, 30 de Julho de 1757; carta enviada da Madeira por Henry Hill para Richard Hill na Virginia, 16 de Março de 1757.

² Ibidem, carta enviada da Madeira por Henry Hill 18 de Janeiro de 1762.

³ Ibidem, cartas enviadas da Madeira por Robert Bisset para Thomas Lamar, 29 de Janeiro de 1774; 4 de Março de 1774, 23 de Março de 1774 e 1 de Julho de 1774.

⁴ FARINHA, António Manuel Dias - *Mazagão*, in SERRÃO, Joel (dir. de) - "Dicionário de História de Portugal", vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, p. 232.

⁵ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 25 de Novembro de 1769.

⁶ SOUSA, João José Abreu de, *ob. cit.*, p. 78.

⁷ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset, 8 de Abril de 1775.

Nos finais do século XVIII, as autoridades mostram-se preocupadas com a defesa da ilha dos ataques dos corsários franceses que, desde 1793, cruzavam ao largo do arquipélago. Apesar da protecção da Armada Inglesa e da paz assinada com a França, em 1797, o corso gaulês continuava a amedrontar os madeirenses¹. Por esse motivo, em Julho de 1798, Robert Bisset desiste de ir a Filadélfia visitar o irmão. Em Setembro, porém, apesar da situação ter melhorado, Richard Lamar Bisset informa que o pai só viajaria para os Estados Unidos se conseguisse passagem a bordo de um navio neutro, sueco ou dinamarquês, pois não queria que o progenitor corresse o risco de ser capturado por corsários. De facto, os franceses actuavam com a maior crueldade contra aqueles que aprisionavam e, como exemplo, refere o trágico episódio protagonizado por um navio de Boston, que viu toda a sua tripulação chacinada após ter oferecido resistência ao captor². De qualquer modo, o assédio, a navios mercantes, por corsários norte-africanos em águas madeirenses era usual, levando a que algumas vezes os seguros das cargas e dos próprios navios fossem mais elevados³.

Por outro lado, depois de terminada a Campanha do Rossilhão e já quando por todo o país se faziam preparativos de defesa para prevenir um possível ataque francês, a comunidade mercantil da Madeira mostrava-se preocupada com o futuro⁴. Assim, em Agosto de 1796, temendo uma possível invasão da ilha por franceses ou espanhóis, os comerciantes estabelecidos no Funchal, entre os quais se contava a firma *Newton & C^o*, chegaram a pensar em fretar navios para enviarem os seus vinhos para a América, onde estariam a salvo da sanha de possíveis ocupantes. Por sua vez, a casa *Newton, Gordon & Murdoch* fretara dois navios com o intuito de fazer embarcar 600 a 700 pipas de vinho para Filadélfia. Robert Bisset confessava-se apreensivo ante a possibilidade de uma ocupação estrangeira e declarava que se tal viesse a suceder todos ficariam arruinados. Perante isto, dá instruções para se fazer um seguro dos bens que *Lamar, Hill, Bisset & C^o* possuía na ilha. Não quer, porém, que esse seguro seja feito na Lloyd's, mas sim nas agências oficiais⁵.

Por volta de 1786, Henry Hill concebe o propósito de manter um pequeno navio, que realizaria viagens constantes entre a Madeira e Filadélfia. Este projecto é imediatamente aprovado pelos sócios residentes em Londres, Thomas Lamar e Robert Bisset, que se mostram preocupados em escolher a pessoa certa a envolver nesta empresa. A dificuldade estava, contudo, em encontrar alguém idóneo que não pusesse os seus interesses particulares acima dos da firma. O sócio residente no Funchal também não colocava qualquer objecção de carácter material e não se opunha aos desígnios de Henry Hill. Antecipava, porém, um certo número de dificuldades na venda de tão grandes quantidades de vinho, como as que chegariam à Pensilvânia logo que o navio começasse a operar. Além do mais, dada a magra colheita de 1786, não via como poderia abastecer Filadélfia com os vinhos de primeira qualidade que este mercado consumia normalmente. Por outro lado, isto era contrário às práticas da casa

¹ SOUSA, João José Abreu de, *ob. cit.*, p. 84-88.

² H. S. P., *Sarah Smith Papers*, cartas enviadas da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 10 de Julho de 1798 e 5 de Setembro de 1798.

³ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Lamar, Hill, Bisset & C^o, para Henry Hill em Filadélfia, 14 de Agosto de 1788. SOUSA, João José Abreu de, *ob. cit.*, p. 84.

⁴ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal 1750-1807*, vol VI, s.l., Verbo, 1982, p. 318-322.

⁵ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, cartas enviadas da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 2 de Agosto de 1796.

que até aí consistiam em enviar vinho em troca de artigos de produção americana¹. Parece, todavia, que tal projecto não se concretizou, uma vez que a correspondência subsequente não volta a aflorar este assunto. Mas, dez anos depois, em 1796, Robert Bisset afirmava ter recebido uma proposta de *Hutchins & Clements* para partilhar um navio de 150 toneladas que realizaria regularmente viagens entre a Madeira e os Estados Unidos. Os tempos, contudo, eram outros e a firma experimentava dificuldades. Nesta altura, tratava-se de liquidar a quota de Thomas Lamar, pelo que a proposta não pode ser aceite².

A casa *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, tal como outras da Madeira, estava envolvida no comércio com a Índia para onde também exportava vinhos³. Assim, em 1766 enviou para este destino cerca de 2 000 pipas e em 1789, queixava-se que, apesar de ter obtido uma encomenda de 200 ou 300 pipas para o subcontinente indiano, esta não se concretizara⁴. Apesar da existência deste tipo de escambo, o boletim da feitoria inglesa do Funchal nunca mencionava o preço do denominado vinho da Índia. Este era considerado na Madeira de qualidade inferior ao destinado ao mercado londrino, mas superior ao enviado para Nova Iorque. Aliás, a Companhia Inglesa das Índias Orientais comprava sempre vinho de qualidade superior⁵. Por outro lado, *Lamar, Hill, Bisset & C^o* fazia embarcar vinho nos porões dos navios que iam para a Índia, a fim de que, com a viagem, adquirisse o sabor que o tornava tão apreciado⁶.

Refira-se, por fim, que David Humphreys, logo em 1791, ano em que é nomeado, por George Washington, ministro residente em Lisboa, arrosta com as dificuldades e demoras próprias da burocracia portuguesa a fim de conseguir a confirmação, por parte das autoridades lusas, da nomeação de John Marsden Pintard como cônsul dos Estados Unidos no Funchal. Tão pronta diligência vem mostrar a importância atribuída pelos americanos ao arquipélago madeirense⁷. A propósito desta nomeação, Richard Lamar Bisset lamenta a decisão de John Marsden Pintard de voltar ao Funchal, pois deste modo não pode ajudar o primo Wills que gostaria de ver investido no cargo de cônsul dos Estados Unidos. Achava que tal nomeação teria trazido muitas vantagens à casa sob o ponto de vista comercial, além de que teria dado

¹ *Ibidem*, carta enviada de Londres por Lamar & Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 15 de Agosto de 1786; carta enviada da Madeira por Lamar, Hill, Bisset & C^o para Henry Hill em Filadélfia, 11 de Setembro de 1786.

² *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 2 de Agosto de 1796.

³ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Robert Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 14 de Abril de 1766.

⁴ *Ibidem*, carta enviada de Londres por Lamar, Hill, Bisset & C^o para Henry Hill em Filadélfia, 10 de Março de 1789.

⁵ *Ibidem*, carta enviada da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 30 de Março de 1789.

⁶ *Ibidem*, carta enviada de Russapuglee, perto de Calcutá, por Richard Lamar Bisset, 17 de Maio de 1793; carta enviada de Londres por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 20 de Setembro de 1794.

⁷ National Archives and Records Administration, Washington, DC., *Dispatches from the United States Ministers to Portugal, 1790-1906, vol. 3 (November 19, 1790 - September 17, 1793)*. (National Archives Microfilm Publication, M43, rolo 2), carta enviada de Lisboa pelo ministro residente David Humphreys ao Secretário de Estado Thomas Jefferson, 22 de Novembro de 1791. João José Abreu de Sousa (cf. ob. cit. p. 81, nota 67) escreve que John Marsden Pintard é um comerciante americano, cônsul no Funchal desde 1784.

a Wills um óptimo e honrado lugar. Por outro lado, a nível pessoal, Richard Lamar Bisset confessa que gostaria de ter a companhia do primo na Madeira¹.

A concluir, podemos dizer que o comércio da Madeira com a América do Norte era da maior importância para o arquipélago. De facto, do continente americano recebia a maior parte dos bens alimentares de que necessitava à sua subsistência e para lá enviava, sobretudo a partir do século XVIII, o vinho, seu principal produto de exportação, que era um dos mais populares entre os norte-americanos, em especial junto da classe aristocrática.

Desde cedo, e atraídos por este lucrativo comércio, negociantes estrangeiros, na sua maioria ingleses, instalam-se no Funchal. Uma das firmas mais importantes, envolvidas no tráfego com as colónias inglesas, era a *Lamar, Hill, Bisset & C^o*, que, com representantes no Funchal, Londres e Filadélfia, mantinha relações privilegiadas com a Pensilvânia. A correspondência desta casa, permitiu-nos descobrir alguns aspectos do modo de operar destes negociantes, em particular dos envolvidos no comércio com a América do Norte. Diga-se, por fim, que foi a classe mercantil do Funchal, composta por portugueses e estrangeiros, quem aperfeiçoou as técnicas de preparação e distribuição do vinho da Madeira e o tornou conhecido e famoso em todo o mundo.

¹ H. S. P., *Sarah Smith Papers*, cartas enviadas da Madeira por Richard Lamar Bisset para Henry Hill em Filadélfia, 4 de Agosto de 1790.